

PARA A HISTÓRIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL (1) IX – ESTEBAN PUJASOL

“Nihil sub sole novi” (Eccle. 1,10)

“A palavra deve passar pela lima antes de passar pela língua” (Bercorio)

“La boca grande,... el hombre que tal la tuviere, será grande comedor, y tragón, hablador, inquieto, logrero, y tal vez usurero” (Aristóteles)

“Siempre que vierem que algunos hombres tuvieren algunos semejos de animales irracionales, que júzguen el tal le será parecido en muchas cosas” (Platão)

Henri Chabassus

Em 1637, Pedro Lacavalleria editou em Barcelona um livro de autoria de Esteban Pujasol. Este livro não consta no artigo de Zytowski nem nas listas de Peddie, e a única referência encontrada sobre ele vem na edição do “Examen de Ingenios para las Ciencias” de Juan Huarte de San Juan, preparada por Esteban Torre. E a referência não beneficia Pujasol, pois Torre o cita entre os que, em suas obras, plagiaram o livro de Huarte. No decurso deste artigo teremos que examinar esta acusação.

O AUTOR

Pujasol é autor que, embora tenha publicado mais que uma obra, e dado como psicólogo, não é mencionado senão em uma Enciclopédia, dentre as 31 compulsadas em busca de alguma referência a seu respeito. Assim mesmo, o verbete a ele dedicado na Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana, publicada por Espasa-Calpe, traz tão escassos dados biográficos, que pouquíssimo se fica sabendo sobre ele. O verbete diz apenas que ele é psicólogo espanhol do século XVII, nascido em Fraga, e que seguiu a carreira eclesiástica. Nem sequer menciona o “Lunário” de Cortès, que o próprio Pujasol diz ter “reformado e aumentado” (p. 94). Não fala tão pouco sobre outros escritos que Pujasol diz ter publicado (p. 114).

(1) Ver “Síntese”, nº 21, Jan-abr. 1981, 71-96; nº 26, set-dez. 1982, 79-99; nº 33, jan-abr. 1985, 77-106; nº 34, mai-ago. 1985, 79-96; nº 36, jan-abr. 1986, 45-67; Set-out. 1986, 81-111; maio-ago. 1987, 85-100; jan-abr. 1988, 101-116.

Pujasol foi precursor das idéias de Lombroso, conforme mostra P. J. Montes, em artigo publicado no número 882 da revista "La Ciudad de Dios". Este artigo é a única bibliografia encontrada, além do verbete de Espasa-Calpe. Montes diz que o livro de Pujasol é obra raríssima, da qual só conseguiu um exemplar a custo de muito trabalho e muitas investigações. O autor deste artigo conseguiu sem dificuldades cópia xerográfica na Biblioteca Nacional de Madrid.

O LIVRO

1. Título do Livro — É pomposo e estranho. Ei-lo:

El Sol Solo
Y Para Todos Sol
De La Filosofia Sagaz,
Y Anatomia de Ingenios

Não fora a última linha deste título, não se poderia sequer vislumbrar qual o conteúdo do livro. É curioso que o autor faça ele mesmo, e já no título, o elogio de sua obra: "É obra muito útil e proveitosa, subtil e engenhosa". Expõe a seguir o seu objetivo, apõe o nome do autor e dedica o livro a Deus: "Dirigido al Verdadeiro Sol de Justicia, fuente de toda luz y enseñanza,... Dios Trino y Uno". Segue-se um quadro em que o sol emerge por trás de montanhas, ladeado pelas iniciais do autor: E.P. Fora do quadro, vem o ano da edição e, ao pé da página, o nome do editor e da cidade em que o livro veio à luz. Entre a frase que explica o objetivo da obra, e o nome do autor, há sobreposta uma linha que não se lê bem, e o que se lê não faz sentido. Parece uma falha tipográfica.

2. Estrutura da obra — Na primeira página, não numerada, vem a aprovação do P. Vicente Navarro, S.J., censor "ad hoc", datada de 20 de fevereiro de 1636, em Barcelona. Em duas páginas, segue-se a dedicatória a Deus; a primeira página é numerada "2" e a segunda vem sem número. Em duas outras páginas, uma numerada "3" e a outra sem número, em que vêm nove décimas, todas elas apreciações elogiosas da obra ou do autor. Devia ser costume na época, e já o encontramos em Garzoni (ver "Síntese", nº 34). Só então começa o texto, numerado de 1 (um) a 118. Termina com oito páginas de índice.

O texto é dividido em quatro partes, que ele chama de "livros". Nos dois primeiros, trata ele da "fisionomia" ou "membros" do corpo humano, sendo que no primeiro exara todos os dados que se podem observar nos membros todos, dos pés à cabeça, mas deixando o rosto para o livro segundo. O livro primeiro é o mais extenso; compreende quinze capítulos e quase setenta e cinco páginas. O Livro segundo é mais modesto; é um todo, não dividido em capítulos, e estende-se da

página 75 à 86. O livro terceiro consta de quatro capítulos e estende-se da página 87 à 99. Trata da Astrologia. o quarto livro trata dos sinais e dos prognósticos das enfermidades; compreende as páginas 100 a 106.

O livro traz ainda dois apêndices, no primeiro dos quais o autor mostra como sintetizar os sinais fisiognomônicos, deixando de lado os acidentais, para atender apenas àqueles que são permanentes e permitem conjecturas e prognósticos fundamentados no todo e, portanto, mais seguros. Para mostrar isto de maneira prática, aduz dois exemplos. Este apêndice estende-se da página 107 à 113. O segundo apêndice, que compreende as páginas 114 a 118, ensina como fazer o levantamento de figuras e gráficos, que permitam prever mudanças atmosféricas, com vistas à agricultura e à navegação, assim como determinar os elementos astrológicos influenciantes no nascimento de cada um, o que permite antever os achaques e enfermidades a que estarão sujeitos.

As oito páginas do índice sistemático que se segue, não são numeradas.

3. Objetivo da obra — Na dedicatória a Deus (p. 2ª e 3ª), entra Pujasol pela moral, citando Bias: o Homem deve olhar para suas ações como se as visse num espelho, a fim de corrigir as más, e cultivar, aumentar e ornar as boas. Deus é “Espelho da verdade, que não adula, não seduz ninguém, e no qual cada um de nós só se pode ver tal qual é”. Dentre os homens, “uns mirando-se em sua nobreza, ... se ensoberbecem e desprezam os outros. Outros se espelham em sua ciência e sabedoria mundana,... outros em suas riquezas,... outros em suas línguas lisonjeiras”. E todos esses morrerem no seu nada, na sua ignorância, na sua miséria, na sua fatuidade e mentira. “São todos cegos, pois deixam a Deus”. O autor deseja que seu livro seja como este Sol, espelho verdadeiro, em que cada um se veja a si mesmo e aos outros, conforme cada um é.

Por esta dedicatória, poderia parecer ao leitor que o objetivo da obra é, senão somente, pelo menos antes de tudo, moral e religioso: visaria à reforma interior do homem.

Por outro lado, o prefácio “ao discreto leitor”, vasado em frases longas, com muitas coordenadas e subordinadas, que lhe dificultam o entendimento, é entretanto bem claro ao propor o fundamento da obra. Diz ele que a aparência e a atitude exterior de uma pessoa, permitem conhecer o seu interior. É fundamentado sobre este princípio, que ele faz o seu estudo. Já aqui insere ele o escopo da sua obra e o modo como o vai tratar. Isto ficará mais claro no que se verá adiante.

No prólogo "ao discreto leitor", diz que, conforme Aristóteles no segundo livro de sua Física, "por el efeto natural de cada uno, se puede arguir la causa de el". E pouco abaixo: "Por los efectos que se ven en el rostro exterior, se conoce la causa en el interior". E após citar dois textos da Escritura no mesmo sentido, remata seu pensamento quase com palavras de sua última asserção (4ª p.). Por trás disso está o princípio geral de Pujasol, que é o seguinte: Na natureza, tudo é feito para um fim e, por isso, nela tudo é proporcionado a esse fim; por conseguinte, se algum membro ou órgão (humano ou animal) não obedece às condições e não tem as proporções necessárias para atingir esse fim (é muito grande ou muito pequeno, muito largo ou muito estreito, etc), isso é um desvio da natureza, e traz consequências para o "funcionamento" do indivíduo.

Do exposto acima se colige que o fim que aquí se propõe Pujasol, é conhecer o interior do indivíduo, por meio dos sinais exteriores. De resto, isso vem expressa e pormenorizadamente formulado logo a seguir: "É nosso intento e propósito... tratar nestes discursos, algo da Filosofia sagaz e Anatomia de engenhos, começando pelos cabelos, que são como que raízes do breve mundo racional, que é o homem e, a seguir, a sua fronte, cílios, olhos, nariz, boca, ... e demais partes do corpo" (p. 4ª e 5ª). Adverte que isso é ciência natural, como já o dissera Aristóteles, e permite conhecer, pelo exterior, a natureza, o engenho, a inclinação e os costumes de cada um (p. 5ª). É ciência útil e o autor a quer comunicar para o bem dos outros, pois "não nascemos só para nós mesmos, mas também para os amigos e a pátria, como disse Platão" (p. 4ª). O objetivo seria pois, pelo que aquí diz, psicológico e moral, visando ainda a um bem social. Pujasol volta mais de uma vez, no decurso de sua obra, a afirmar seus diversos objetivos. Assim, por exemplo, á página 43, diz que vai tratar não das doenças do nariz, mas de sua "phisionomia y significado, que es la consecuencia de nuestro instituto".

Onde, porém, se vê clara e completamente o objetivo da obra, é na folha do rosto, logo a seguir ao título. Diz aí: "Es obra muy util... en la qual, mirándose cada uno à un espejo, ó un amigo à otro su rostro, podra venir a colegir, y rastrear, por el color, y compostura de sus partes, su natural complexión, y temperamento; su ingenio, inclinacion y costumbres; y no menos como podrá obviar la continuación, y perseverancia en los vicios, y escusar enfermedades". Destaca-se aí um tríptico objetivo, a saber: Os dois até aqui assinalados (aos quais se pode acrescentar o benefício social visado, mas que é apenas consequência dos outros), e um terceiro, no qual não se tocara até aqui. São eles: por meio de sinais exteriores: 1º Conhecer a compleição, o temperamento,

a inteligência, as inclinações do indivíduo — *Objetivo Psicológico*; 2º. Conhecer os costumes do indivíduo e inferir o modo de obviar a continuação e a perseverança nos vícios — *Objetivo Moral*; 3º. Aprender como prevenir enfermidades — *Objetivo Profilático*. O desenvolvimento da obra mostra-nos-á os momentos de ênfase de cada um destes objetivos.

4. Desenvolvimento da obra — O que mais nos interessa na obra de Puja-sol são os dois primeiros “livros”, nos quais ele aborda a conformação externa do corpo humano, desde os pés até à cabeça, indigitando sempre relações entre a forma e outras características desses membros e de seus apêndices, e o entendimento, o engenho, as inclinações, os costumes e qualidades de cada um.

Em todos os capítulos dos “livros” I e II, o autor segue sempre a mesma ordem, embora vez por outra falte algum dos elementos da série que é exposta a seguir:

1º — Dá a etimologia da palavra, isto é, do nome do membro ou órgão que é objeto do capítulo (olhos, nariz, etc).

2º — Descreve a constituição anatômica do membro ou órgão.

3º — Diz para que o ordenou a natureza.

4º — “Explica” de onde se originaram certas variações e diferenças nos elementos do corpo humano, v.g. por que a idade encanece os cabelos.

5º — Descreve a “fisionomia” do órgão ou membro, isto é, sua aparência externa, segundo vários aspectos, p. ex. cor, forma, tamanho, etc. O que vem aqui é o rol das “fisionomias”.

6º — A mesmo tempo que enumera os componentes desse rol, isto é, as diversas “fisionomias”, dá sua significação psicológica, moral ou social, p. ex., testa pequena é sinal de indocilidade, bestialidade, cólera. Em geral, a explicação da significação é apresentada como uma aplicação do princípio geral que justifica como ficou dito no item em que aqui se falou do objetivo da obra.

7º — Explana mais pormenorizadamente algumas “fisionomias” do rol, com as causas que conduziram o órgão ou membro, a ter essa “fisionomia”, e os porquês de sua significação.

LIVRO I

Capítulo I — Este capítulo (p. 1-18) começa por uma longa dissertação sobre a cabeça. Enumera seus órgãos internos e externos, estendendo-se principalmente sobre o cérebro, sua divisão, localização de suas partes dentro da calota craniana; relaciona essas partes com as quatro qualidades primeiras — calor, frialdade, umidade e sequeidão —; localiza no cérebro a sede da inteligência, da memória e da imaginação, refere-se à influência da lua sobre o proceder do homem, e sobretudo desce a pormenores sobre tamanho do pescoço, feições feias ou bonitas, qualidades do cérebro — grande ou pequeno, quente ou frio, seco ou úmido —, signo astrológico sob o qual o indivíduo nasceu: Mercúrio, Saturno, etc.

Deixamos consignado há pouco que, ao abordar a confirmação dos diversos membros do corpo humano, Pujasol anuncia relações entre a forma e as características desses membros e o *engenho*, as *inclinações*, os costumes e qualidades de cada um. É bom advertir desde já que, quando Pujasol diz *inclinações*, não se refere a pendor para alguma profissão, que é o que nos interessaria neste estudo; a palavra tem antes o sentido de movimento do apetite sensitivo, em sua forma quer concupiscível, quer irascível. Os escolásticos chamam esses movimentos, de paixões. Paixão seria tendência a, e busca dum termo de prazer, ou fuga duma realidade dolorosa ou ameaçadora. Elas são respectivamente: Amor e ódio, desejo e aversão, audácia e medo, ira (apetite irascível). Da mesma forma, *engenho* não significa aptidão especial para esta ou aquela tarefa, mas aptidão geral; seria o assim chamado “fator geral” em psicologia.

Neste capítulo, o autor consigna doze tipos de cabeça e as qualidades intelectuais, psicológicas e morais que lhes correspondem. Depois “explica” porque a esses determinados tipos de cabeça, correspondem as qualidades assinaladas, mas antes de fazer, fala de cérebros quentes, frios, secos e úmidos e dá as qualidades que lhes são características.

Capítulo II — É dedicado aos cabelos (p. 9-15). Traz dez tipos de cabelo, diferentes quanto à cor, à espessura, à forma (lisa, crespa, eriçada), à sensação que provocam ao toque (de asperidade, suavidade, sedosidade), dando ao mesmo tempo as qualidades físicas, psicológicas, intelectuais e morais que a eles correspondem. Acrescenta ainda quatro ancenúbios quanto à cor ou à forma (cabelos *muito* crespos, *muito* lisos, rúivos, encanecidos antes do tempo), com as respectivas correspondências qualitativas, físicas, psicológicas, intelectuais e morais, como acima.

Seguem-se depois em oito itens as "razões" pelas quais a determinados tipos de cabelo, correspondem determinados temperamentos, caracteres, compleições físicas, qualidades intelectuais, morais, etc.

Causa estranheza nessa exposição, a divisão dos tipos de cabelo. Não é feita de modo que se excluam uns aos outros; as qualidades de cor, forma, consistência, etc., vêm imbricadas, de modo que é impossível distinguir-se a correspondência entre cada qualidade e sua significação, se é que essa correspondência existia na mente do autor. Além disso, os oito itens em que vêm as justificações dessa correspondência não coincidem perfeitamente com a divisão anterior de tipos de cabelo. Isso se explica, provavelmente pelo fato de cada sinal não ter significação fixa, mas dependente dos outros elementos com que se combina e, como são muitos os elementos a combinar, a clarificação do assunto daria lugar a grande extensão do texto; a exigência de menor extensão terá assim dado lugar a menor clareza.

Capítulo III — No capítulo III (p. 15-22), o autor trata da frente, da qual aduz onze formas diferentes, seguidas das qualidades psicológicas ou morais de que elas são sinal. A isso seguem-se novos itens, em cada um dos quais busca dar a razão que liga o significado psicológico moral aos respectivos sinais. Como no capítulo anterior, estes novos itens nem sempre correspondem aos primeiros onze itens e suas correspondentes formas de frente. Nos significados, apenas aparece alguma vaga referência à inteligência.

Capítulo IV — O capítulo IV (p. 22-25) versa sobre os cílios e supercílios. "Diz Aristóteles que as sobrancelhas têm em si certa força escondida; que elas assinalam as paixões da alma: nelas vemos algum sinal... de arrogância, de soberba, de audácia ou de temor" (p. 22).

No rol de sobrancelhas, as diferenças provém: da forma (retas ou aqueadas), tamanho (grandes ou pequenas), da posição (horizontais, inclinadas para baixo ou para cima, isto é, para os olhos ou para a cabeça, levantadas ou caídas sobre a vista, levantadas da carne, unidas ou separadas), do volume (espessas, ralas, inexistentes), da cor (negras ou ruivas).

Aqui volta o autor a tocar novamente no princípio geral que preside a interpretação das diversas "fisionomias", aplicando-o às sobrancelhas. Diz que, segundo os naturalistas, "a natureza anda sempre... cuidadosa de que nada falte que possa ser adorno ou ajuda para a compostura humana. Por isso ordenou as sobrancelhas para defesa e segurança dos olhos,... e também para que adornassem o rosto. Para acudir a essa inten

ção, basta que sejam tão grandes quanto a caixa dos olhos, que estejam separadas e não unidas, que crescendo não prejudiquem a visão,... Não é intenção da natureza que estejam unidas, nem muito arqueadas, nem grandes, e quando são muito povoadas de pêlos e se unem uma à outra, é sinal de que houve falha nos princípios que regem a alma" (p. 23-24). Essas formas que acontecem por infrações dos ditos princípios, manifestam diversos temperamentos, qualidades, características do indivíduo. Os itens que se seguem ao primeiro, estendem-se sobre alguns tipos de sobrancelhas do rol acima mencionado, indigitando em cada caso o temperamento, as qualidades, as características que esses tipos assinalaram.

O título anuncia que o capítulo vai dissertar sobre cílios e supercílios. Na realidade só aborda a significação dos supercílios; embora nomeie cinco vezes tipos de cílios, o que diz a respeito só tem sentido se os tomarmos como supercílios, exceto uma vez em que o texto deixa lugar a dúvida. Assim "cejas arquejadas y conjuntas, y algun tanto gruesas" (p. 22), parecem significar sobrancelhas e não cílios.

Capítulo V — O V capítulo (p. 25-28) trata dos tipos de orelha e de sua significação. Após explicar a etimologia da palavra, a constituição anatômica da orelha e sua finalidade, aborda a "fisionomia" de oito tipos de orelha e sua significação, para depois estender-se mais largamente sobre três tipos de orelha.

Capítulo VI — "Da natureza, denominação e anatomia dos olhos" (p. 28-42). É o maior dos capítulos do livro, como a significar a importância que os olhos têm em fisionomia. É lugar comum dizer que os olhos são o espelho da alma, e mesmo ao vulgo não escapa a diferença que há entre olhos de criança a espelhar inocência e a do homem comum, que já a perdeu nos embates da vida.

A etimologia da palavra é curiosa, pois olho vem do latim "oculus" que segundo Santo Isidoro, diz ele, significa coisa oculta e guardada, "lo que arguye verdad, segun los tenemos en custodia, cercados y defendidos con los parpados y pestañas, con cuya defensa se escusan muchos inconvenientes" (p. 28-29). "Dizem-se mais nobres que os demais órgãos, porque são compostos de três humores e sete tunicelas" (p. 29). São estranhas as cores que o autor atribui aos olhos. Podem ser quatro: negra, algo branca, vária e azul. E dá a causa dessas cores. Diz Pujasol, com Pedro Bercorio, que os olhos "están puestos en lo mejor del rostro", para que "faltando um, o outro possa suprir sua falta" (p. 29).

Segue-se a "fisionomia" dos olhos. Dá em itens numerados de um a quinze e em mais um não numerado, características diferentes de olhos, seguidas de sua resumida significação fisiognomônica. Essas características referem-se à cor, à posição com relação à caixa ocular (profundos, saltados), à movimentação (movidões, inquietos, trêmulos, fixos), ao tamanho (grandes, moderados, pequenos), ao brilho (acesos, apagados). "Explica" depois, em dezenove itens, o porquê das diversas significações, isto é, busca explicar porque tal característica significa tal qualidade, inclinação, vício, temperamento. Quebrando o esquema "fisionomia" — significação fisiognomônica, o autor interpõe entre o quinto e o sexto dos dezenove itens mencionados, uma longa digressão sobre a anatomia dos olhos. Disserta sobre os três humores e as sete tunicas, aduzindo uma figura do olho para ajudar a compreensão (p. 33-36).

Dois itens curiosos são os sobre "los ojos de color como de cabra", e "los ojos que son semejantes à los de las vacas". O princípio que rege a interpretação do significado é que "os olhos demonstram qual o temperamento do cérebro, porque derivam dele". "De aquí viene, que quando ellos (os olhos) son semejantes a los ojos de la cabra, entonces se evidencia que los tales hombres tienen los sesos de semejante temperamento y complexion, a semejança de aquellos que assi son hechos animales". Esses homens serão de pouco entendimento e indisciplinados como as cabras (p. 37). Os que têm olhos como os de vaca, serão pesados de movimentos e de ânimo vil como a vaca (p. 40-41).

Capítulo VII — "Da anatomia do nariz, de sua disposição e significado" (p. 42-48). Abre o capítulo com uma afirmação curiosa, a saber: segundo Aristóteles, o nariz é "cloaca celebri,... por la qual se excrementa (o cérebro), y purga las flegmas" (p. 42).

Seguem-se tipos diferentes de nariz, com as qualidades psicológicas, intelectuais, sociais ou morais que lhes correspondem. Em um dos casos, alude à influência dos planetas sobre essas qualidades (p. 43-44). A seguir trata mais em pormenor de sete tipos de nariz (p. 44-48). Distingue no nariz, seu tamanho (grande, pequeno, curto), sua abertura, sua forma (grosso, largo, afilado, agudo, arrebicado, reto, rombudo, adunco, chato).

Assim como aduziu o caso de homens que têm olhos como de cabra ou de vaca, aqui diz que o homem que tiver nariz redondo como o leão, terá as qualidades e as inclinações do leão, por exemplo, sua magnanimidade (p. 47).

Capítulo VIII — A boca — Sua definição, anatomia e partes (p. 48-51)

Não dá a etimologia da palavra castelhana "boca", do latim "bucca", mas a da palavra latina "os" (boca), derivando-a de "ostium" (porta), quando o contrário é que seria o certo. Sem dúvida, a razão é que não encontrou a etimologia de boca, que até hoje é duvidosa. Provavelmente é palavra celta (Cfr. Ernout-Meillet).

Inicia o capítulo por conceitos morais, dizendo com São Gregório que a boca é "rodeada de muita guardas, a saber, os lábios, os dentes, e fechada por todos os lados, para que antes que se pronuncie sobre alguma coisa, a rumine, e considere, a discirna, como faz um alcaide ou um castelão de algum castelo, que antes de abrir a porta da fortaleza, pergunta discerne e considera o que deve fazer, julgando se faz bem ou mal em abrí-la". E continua, com Bercorio: "A palavra deve passar pela lima, antes de passar pela língua" (p. 48).

Segue-se a "fisionomia" de cinco tipos de boca, com seus significados, e a dissertação mais em pormenor sobre três desses tipos. Para o significado de cada boca concorrem como sinais determinantes, o seu tamanho (grande, média, pequena), a forma, a cor dos lábios e o hálito.

Capítulo IX — Os lábios, sua anatomia, cor e compostura, e o que estes sinais significam (p. 51-53). Abre o capítulo, indicando a função dos lábios, segundo Vicencio:

- 1 — Cobrir e guardar a boca e os dentes.
- 2 — Adornar o rosto, sobretudo com sua cor.
- 3 — Receber a saliva e deitá-la fora.
- 4 — Formar e pronunciar as palavras.

A etimologia e à razão pela qual os lábios têm a forma, a constituição e a compleição úmida que têm, segue-se a "fisionomia" de oito tipos de lábios, com seus significados, item ao qual sucede outro sobre a "fisionomia da voz e efeitos dela". Os oito tipos de lábios se distinguem pelo tamanho, pela espessura (grossos, finos, delicados), pela cor (vermelhos, amortecidos, lívidos, violáceos), pela vivacidade (vivos, murchos), pela fixidez (trêmulos, fixos), pela forma (saídos, o superior mais saliente que o inferior), pela consistência (duros, moles), pela limpeza (limpos, sujos).

Seguem-se os significados de sete tipos de voz, diferentes conforme o timbre (grave, aguda), a clareza (clara, rouca, obscura, áspera, sonora, fanhosa), o volume (forte, fraca, média). E não podia faltar um item curioso: "La voz que retirare a voz de oveja, ò cabra, significa ser el hombre algo mentecato, y temerario, inquieto, y de permanencia y quietud poca" (p. 52).

Só desenvolve um pouco mais o comentário sobre dois tipos de lábios, um dos quais é o em que o lábio superior é mais saído e se sobrepõe ao inferior, "accidente que sigue, è imita toda la especie de los perros, ... de donde se puede inferir, que la temperatura (isto é, o temperamento) de los tales hombres, se asemeja a la de los perros": são injuriosos, temerosos, vis (p. 53).

Capítulo X — Denominação e anatomia dos dentes (p. 53-57) — A etimologia que traz para "dentes" é, como muitas outras, pelo menos curiosa. Viria de "odentes", comedor, divididor, rompedor, "ó quasi dementes" (p. 53). Pujasol escreve de acordo com a ciência do tempo; ao que parece, poucas de suas etimologias poderiam ser mantidas hoje.

Dissertando sobre os dentes, dá-lhes o número, o nome, a função e o número de raízes de cada um, a cor deles nas crianças, nos moços e nos velhos, e em qual destes grupos ela varia, quais os que nascem primeiro, quais os que caindo tornam a nascer e quais o que não renascem, quais os que caem primeiro com o andar do tempo. Os homens têm 32 e as mulheres 30, porque nos homens é maior o calor e há mais sangue que nas mulheres. Os dentes são sujeitos a estragar-se e causam então mil achaques. São brancos e duros e, ainda que alheios à natureza da carne, nela são cravados; são necessários para a nutrição e oportunos para falar, cantar, rir e chorar (p. 53-55).

Vêm a seguir seis tipos de dentes com sua significação conforme o tamanho (grandes, médios, pequenos), a posição na boca (dianteiros, laterais, posteriores, superiores, inferiores), a forma (largos, redondos), a distância entre eles (unidos, separados), o matiz (claros, escuros) (p. 55). E não podia faltar a nota curiosa: "Los dientes como de perro, largos, blancos y firmes, significan ser el hõbre voraz, goloso, malicioso y gran murmurador" (p. 56). Ao fim da página seguinte insiste novamente sobre este ponto. Que terá a murmuração a ver com o cachorro?

Seguem-se dois itens mais pormenorizados sobre dois tipos de dentes acima tratados, a saber, os dentes grandes, espessos e fortes, e os

agudos e caninos (p. 56-57). "Explica" porque a essas características correspondem determinadas qualidades psicológicas ou morais.

Capítulo XI – A língua, sua natureza, denominação e significado (p. 58-59) – Sua etimologia é das poucas que se podem salvar em Pujasol. Viria de "lingo", lamber. Enumera uma série de qualidades aparentes da língua: é carnosa, porosa, nervosa, etc. Fala de todas as proteções de que está rodeada: "Está posta como num cárcere, rodeada de dentes e lábios, isto é, de muro e contramuro, o que às vezes não basta (!), e dá a seguir suas funções.

Bercorio diz que "se a língua fala muito, encaranga, paraliza-se e encolhe-se", e pretende confirmar o asserto com a praga popular "contra quem fala mal e muito: 'la lengua tengas seca'". Fosse isso verdade e haveria, em alguns países sobretudo, muito trabalho para fonoaudiólogos e médicos especialistas. Como falam certas pessoas, sobretudo em certos países!!! Não são só as lavadeiras de beira-rio.

Tratando da saliva, diz qual é a sua função. A seguir aborda a "fisionomia" de seis tipos de língua e seus significados. Diferentemente dos capítulos anteriores, não explica o porquê da relação entre o tipo de língua e sua significação.

Capítulo XII – A barba, sua denominação e significação (p. 59-63) – "Dize Isidoro, que la barba en el rostro... es para adorno del hombre y asi dize que sirve al hombre en el rostro, como las tetas a las mujeres en el pecho" (p. 59).

Dá a "razão" porque o homem tem barba e não a mulher, os jovens e os eunucos. "Explica" porque os pêlos caem aos velhos. Segue-se a "fisionomia" e breve significado de cinco tipos de barba, que diferem entre si pela quantidade de pêlos (barba espessa ou escassa), pela cor (ruiva, loura, castanha, negra), pela compostura (cuidada, desgrehada). Vêm depois explicações pormenorizadas sobre o porquê das qualidades dos que possuem barba rala, espessa, "ruiva cor de ouro", castanha e crespa. Sobre as mulheres barbadas e os homens de pouca barba, diz... barbaridades.

Capítulo XIII – Definição e divisão do pescoço e da garganta (p. 63-67). Disserta longamente sobre a anatomia e fisiologia da garganta e, depois, bem mais brevemente sobre o pescoço (p. 63-64). Aborda a seguir a "fisionomia" e significado de sete tipos de pescoço e cinco de cerviz. Do pescoço considera o comprimento (curto, comprido),

a circunferência (grosso, fino), a cor, a direção (torto, direito), o vigor (forte), a resistência ao toque (duro), a camadura (seco). Da cerviz considera o cumprimento (longa, curta), a curvatura (redonda), a direção (muito direita), a peladura (peluda). Depois, em quatro parágrafos, disserta mais longamente sobre o significado de quatro tipos de pescoço, explicando ao mesmo tempo a anatomia e a fisiologia do tipo e o porquê do significado do tipo (p. 65-67).

Capítulo XIV — Braços, mãos, dedos, unhas — Sua anatomia e denominação (p. 67-72). A etimologia é curiosa como sempre: braços viria de "bari" que significa "forte"; a mão "dizese mano, porque são dez bem ordenados". Dá a "razão" dos nomes apostos aos dedos: o mínimo, por exemplo, chama-se "auricular, porq̃ nos limpamos con el las orejas". Entende-se pela anatomia dos braços, mãos e dedos. As unhas, segundo Galeno, "são umas fumosidades que saem do coração,... e vêm até às pontas dos dedos, onde secam ao contacto com o ar" (p. 69). Segue-se a "fisionomia" desses membros todos e sua significação. Dá dois tipos de braços, sete de mãos, sete de dedos e seis de unhas (p. 69-71).

A ser verdade o que diz Pujasol, todos os homens hoje existentes, talvez com alguma rara exceção, seriam de más entranhas, pois afirma ele: "Los braços que no pasaren de la dicha medida (isto é, que não forem até além do joelho) quatro, ò por lo menos dos dedos, este tal sera hombre de malas entrañas, que se alegrara de los males, y trabajos de los otros" (p. 70). Pobres de nós todos!

Em apenas três parágrafos trata mais em pormenor da significação de dois tipos de braços e um de mãos (p. 71-72).

Capítulo XV — Pernas, pés; sua denominação, derivação e significação (p. 72-75) — Próximo aos pés, as pernas são "tíbias", porque feitas a modo de flautas; chama-se também "crura", de "curro" (correr), porque com elas corremos... "Explica" a razão da forma anatómica das pernas (p. 72). As unhas dos dedos dos pés servem "para excrementar por ellas los humores gruessos que previenen a dichos dedos, y para defenderlos de los encuentros que se les ofreciere" (p. 73).

Ordinariamente o pé direito é maior que o esquerdo e move-se com mais facilidade. O calcanhar assim se chama, porque calca a terra e nela deixa suas pegadas (p. 73). Segue-se a "fisionomia" de cinco tipos de pernas, cinco pés, dois de calcanhar, e três de passos (p. 73.74). O capítulo termina por explanação mais pormenorizada sobre o significado de

dois tipos de pernas, um dos quais é o homem zambro, pernas em arco, "las cuales significan ser el hombre luxurioso" (p. 74.75).

LIVRO II

Fisionomia e cor do rosto e de todo o corpo (p. 75-86) —

Este livro II é um todo, não dividido em capítulos, mas o autor apõe ao texto o título de Capítulo I, que é o segundo maior de todo o livro e é natural, pois do rosto pode-se dizer que do rosto "se colige de algum modo o ânimo e as inclinações do homem" (p. 75), e Aristóteles, por seu lado, afirma que o "rosto é como que o juízo da vontade e inclinações de cada um, pelo qual se reconhecem as paixões, os movimentos da alma e do coração" (p. 75). Vicêncio diz que a face e os olhos dão mais sinais e mais seguros do que todas as outras partes do corpo (p. 76).

Além do que traz nos outros capítulos, isto é, a "fisionomia" e significado de diversos tipos do rosto, há neste capítulo algo de especial e de valor: são sete regras gerais, a ter em conta para acertar no diagnóstico da personalidade. Estas regras orientam na confecção da síntese final, vincando ou mitigando, corrigindo o sentido de dados particulares, e só permitindo concluir, quando há convergência significativa de sinais.

Não é preciso aceitar o sistema de Pujasol para apreciar estas regras e perceber quanto elas têm de interesse, não apenas especulativo, mas ainda prático. Elas supõe muita observação, muita lucubração, e algumas formulam juízos dignos de consideração, o que não significa que as outras sejam desprezíveis, sobretudo no contexto de Pujasol e das idéias do tempo. Veja-se, por exemplo, a regra quinta: "Firmados nos sinais exteriores, não se podem emitir juízos imediatos sobre uma pessoa, pois eles podem advir a ela só por acidente e não por natureza, e os efeitos maus que eles indicariam, podem ser contrabalançados por hábitos contrários e pelo freio da razão" (p. 77). E dá o exemplo de Hipócrates, cujos traços indicavam inclinação à luxúria, mas que pelo exercício e pelo uso da razão, chegou às virtudes opostas.

As outras regras mostram, em geral, dentro dos conceitos da época, o mesmo estilo realista, e a quarta, corroborando a quinta, fazer-nos ver o homem não como um ser escravo automaticamente das inclinações indicadas por seus sinais fisiognomônicos, mas como alguém que pode ser senhor de si mesmo e de suas tendências, mercê de boa orientação, de boa educação e de esforços pessoais. Para Pujasol, pois, o homem pode ter o controle de si mesmo; para ele, "nourriture passe nature", a educação vence a natureza (p. 76.77).

Segue-se, em dezessete itens, considerações ligeiras sobre o significado de outros tantos tipos de rosto. Para diferenciá-los, toma em consideração a forma (comprido, redondo, muito cheio, bem proporcionado, disforme, descomposto), o tamanho (muito grande, grande, médio, pequeno, menor que o natural), a cor (boa, branca, rosada, rubra, muito rubra, esfomeada, cor de bêbado, pálida, trigueira, muito morena, entre branca e negra, descorada, verde-negra e cetrina, amarela, "arroxeada, azul ou verde-negra"), o vigor (abatido, macilento), a consistência das carnes (brandas, moles, duras), o influxo das constelações (Árlete, Câncer, Capricórnio, Gêmeos, Libra, Touro, Virgo). Por vezes combina os elementos: rosto redondo e nariz chato, rosto redondo e muito grande, branco e sardento, arroxeados e unhas da mesma cor (p. 78.79).

Cita Joanicio, que liga a cor ao temperamento (p. 79), aduzindo seis cores e dando o temperamento correspondente a quatro delas. Segue-se depois, em quatorze divisões, o desenvolvimento maior de outros tantos tipos de rosto, em que "explica" a ligação entre o tipo e seu significado (p. 80-86). Dentre estes quatorze, deixa Pujasol bem mal parados os de rosto pequeno, que são "inclinados a toda maldade, velhacaria e avareza", os feios porque "são viciosos" (p. 82), os de rosto redondo, pois "têm pouco juízo e discrição" (p. 83), os de cor verde-negra, que são "homens de más entranhas, expostos a todo gênero de vingança, malignidade e crueldade" (p. 85), e os de rosto esfomeado, que são loucos (p. 85). Faz menção ainda dos surdos e cegos, a maior parte dos quais são de bom e agudo entendimento (p. 86).

Pujasol tece interessantes considerações sobre a beleza e dá dimensões relativas precisas entre a altura da testa, o nariz e o mento; as duas orelhas juntas e o círculo da boca aberta; ainda entre as orelhas e as covas dos olhos juntas; o comprimento das sobrelhas e os lábios, e estes e o nariz; por fim, relaciona a altura da cabeça com a do corpo. Quando essas dimensões existem na medida e proporção que ele dá, "los principios intrínsecos son muy aptos, y bien proporcionados, y... las inclinaciones y afecciones del tal animo, ... son bien compuestas y templadas" (p. 82.83).

LIVRO III –

Neste livro trata sobretudo de astrologia e de sonhos (p. 87-99).

Os sinais fisiognomônicos permitem conhecer:

- 1º qual o planeta que predomina sobre o indivíduo;
- 2º qual o signo que nele influi;
- 3º qual o humor que o rege e governa.

Capítulo I — Conhecimento dos humores, pelo qual os médicos poderão obviar ou reparar a causa de qualquer enfermidade —

Jerônimo Manfredo, Hipócrates, Hiparco, Hermes, Aristóteles, Gilberto Amplicano, Galeno e outros são citados um após outro, enfatizando, cada qual mais, a influência dos astros sobre a saúde dos homens: "Ninguém se fie de médicos ignaros da ciência das estrelas, pois são médicos cegos" (Hipócrates); "Médicos sem astrologia e sem conhecimento das estrelas é como olho sem potência visiva" (Hiparco); "O médico deve necessariamente considerar o curso e as propriedades das estrelas e seus efeitos, para ter conhecimento das diversas doenças e dos dias críticos, pois a própria natureza (humana) se altera conforme o aspecto e as conjunções dos corpos superiores (astros)" (Hermes); "Ó Clementíssimo Rei, se for possível, não te levantes nem te sentes, não comas nem bebas, não te sangres nem te purgues, sem conselho de homem perito na ciência das estrelas" (Aristóteles a Alexandre Magno); a ainda Hipócrates: "Antes da Constelação do Cão e sob ela, é prejudicial o uso de medicamentos" (p. 87.88). Diz que vai mostrar como as estrelas influem sobre os corpos humanos e para tanto invoca até Escoto, Santo Alberto Magno e Santo Tomás. E com isto absolve o capítulo primeiro (p. 87-90).

Capítulo II — No segundo capítulo dá os sinais que caracterizam as quatro compleições: quente, fria, úmida e seca. Acrescenta depois os sinais das compleições temperada e destemperada (p. 90.92). Seguem-se os sinais que indigam indivíduos com excesso de algum humor: sangue, cólera, fleugma ou melancolia. São sinais gerais, sempre interessantes, p. ex., sinais de quem tem muita fleugma: "El que de ordinario terna la boca llena de saliva, y lo que escupiere fuere muy blanco y fluido, si el humor fuere viscoso, la boca siempre humeda, blanda la garganta y el tragadero,...". E assim seguem vinte e quatro sinais, dos quais, os últimos são: "si le crecieren mucho las uñas de los pies y manos, y los cabellos de la cabeça mas presto de lo que suelen" (p. 92.93).

Capítulo III — No capítulo III (p. 93-96), explica as diversas compleições por suas ligações com os planetas e as constelações. Seguem-se depois três itens em que relaciona a compleição com outros dados, v.g., a inteligência, a capacidade generativa, a duração da vida.

Capítulo IV — (p. 96-99) — É um capítulo curioso "en el qual se da otra extraordinária cognición y noticia, de poder saber por los sueños que uno soñare, los humores que predominam en el". Dá várias definições de sonho e as razões por que se dorme: Dorme-

se para "reparar os espíritos", para digerir os alimentos, para "sossego e quietude da virtude motiva". Aduz as más consequências do sono excessivo e as boas do moderado (p. 96-97). Diz que o sono modifica a aparência do rosto.

Em quatro itens traça depois a lição que há entre o que o indivíduo sonha e o humor que nele predomina. Caracteriza assim os sonhos que correspondem à colera ruiva, à fleugma, à melancolia e aos sangue. Por exemplo, o fleugmático sonha com chuva, mar, rios, fontes, águas, lagos, canais, poços, nave em que vai embarcar, material de pesca, ... cântaros, lágrimas que verte de seus olhos, saliva que cospe, urina, xaropes que toma, lixívia, etc. (p. 97-98). A inclusão de nave, material de pesca, cântaros nessa congérie de nomes significando todos massas de água, sugere-nos já em Pujasol a lei da associação de idéias no sonho.

Segue-se a ligação entre o que o indivíduo sonha e as qualidades primeiras, a compleição. São diferentes os sonhos dos homens conforme sua compleição é quente, fria, úmida ou seca (p. 98). Vem depois a ligação entre os sonhos e os fatores mais variados, quer orgânicos, quer referentes aos sentidos, à digestão, aos estados de alma, etc. Diz com que sonham os indivíduos que abundam demais em "humores", os famintos, os que põem demasiada atenção às coisas, os perturbados, os que têm o "sangue corrompido", os avaros, os tresnoitados, os em mudança de idade, etc. Assim, p. ex., os sonhos dos sanguíneos são alegres, os dos melancólicos, tristes, os dos coléricos, ígneos e os dos fleugmáticos aquosos, sim. Os aões dormem muito e sonham muito. Os homens muito loquazes também sonham muito (p. 98-99).

ÚLTIMO LIVRO — Sinais que costumam mostrar-se em nosso corpo, para advertência dos médicos, proveito dos enfermos e glória do Senhor.

Da página 100 à 106, traz o autor que ele intitula "Libro Ultimo", embora se estenda ainda até à página 118, tratando dos outros assuntos.

Nestas páginas, aduz Pujasol uma grande lista de sintomas que servem, como ele diz, para advertir os médicos em benefício do enfermo. Começa por um princípio geral que é de Heliodoro e endossado por Aristóteles: "A enfermidade descoberta é muito fácil de sarar e a muito arrai-gada por largo tempo é incurável, porque encobrí-la é manter a doença". A esse princípio segue-se o rol de dezessete sintomas de enfermidades; apontados por vários autores (Avicena, Razis, Santo Isidoro e Vicencio). Por exemplo: "Quando por todo o corpo sentirem-se muitos saltos e

pontadas, procure-se expelir a fleugma, para que não sobrevenha algum espasmo e apoplexia"; "Quando un hombre tuviere mucha comêzõ en el salvo honor, ... como no sean gusanos, es señal de morenas, ò almorranas" (p. 100.101).

Vêm depois trinta sintomas que indicam para o doente perigo de desenlace próximo ou cura próxima. Esses dados são de Hipócrates, e determinam com precisão qual o dia em que o doente estará em perigo: será no mesmo dia em que se manifesta o sintoma, ao terceiro, ao sétimo, ao décimoquinto, ao décimonono, ..., ao quinquagésimo quinto, etc. Alguns destes sintomas são deveras curiosos, v.g.: "Se ao enfermo aparecerem junto ao umbigo, berrugas do tamanho de um grão de bico, uma branca, outra azul e outra corada, estará ele em perigo nesse mesmo dia". "Se o enfermo saudar duas vezes o médico ou um visitante, e puser ordinariamente as mãos sobre a cabeça, inclinando-a para trás, sarará". "Se o enfermo junta os joelhos e parece querer levantá-los até à cabeça, estará em grande perigo". "Se o doente volta sempre o rosto para a parede, mesmo quando o médico lhe fala ou o visita, estará em grande perigo" (p. 102-105). Seguem-se ainda "outros modos de conhecer pelo exterior, se as enfermidades graves são perigosas e mortais". São dezessete sintomas, o primeiro atribuído a Rasis; não fica muito claro a quem atribuir os outros, mas ao fim o autor os adjudica todos a Hipócrates (p. 102-106).

APÊNDICE I —

À página 107 põe o autor um título que diz: "Tratado en que se resume y epiloga la intencion de todo lo dicho, con dos manuales exemplos...". Neste "Tratado" (p. 107-113), que não mereceu do autor o título de capítulo, traz Puñasol dois exemplos sobre o modo prático como se deve proceder na caracterização de um indivíduo, conforme os dados e o método que ele acaba de exarar. Não basta ter presente apenas um ou outro capítulo; há que se ter na mente tudo o que foi dito no livro, e não se precipitar imprudentemente a julgar o indivíduo só por um outro dado. Tão pouco se deve fazer conta dos sinais accidentais, que variam, mas atender só "aos cabelos, à cabeça, à testa, aos cílios e sobrancelhas, ao nariz, à boca, à barba, ao pescoço, aos braços, às mãos, aos ombros, às pernas e aos pés" (p. 108).

Posto isto, faça o fisiognomanta, com prudência, sua síntese, seu juízo, isto é, sua conjectura e seu diagnóstico. "A razão é que cada membro tem sua significação própria, ... mas ninguém pode ser julgado por um só membro (sintoma), tanto mais que um membro pode contradizer a significação de outro". Assim, é só pela indicação concorrente de vários

sinais que se pode concluir sobre o quadro fisiognomônico do indivíduo. "Nenhum homem nem fisiognomanta deve fazer juízo sobre um só membro, mas sobre todos" (p. 108).

No primeiro exemplo acima anunciado, o autor descreve um indivíduo, que poderia ser bem julgado por um de seus sinais, mas este é contradito por dezoito outros, que convergem todos para indigitá-lo como homem marcado com numerosos sinais de loucura.

Pujasol busca apontar as causas das múltiplas características desse homem, no fundo das quais se denota sempre inquietação, e perguntando-se por que apresenta ele "tantas deformidades", responde: "Cuya causa dizem que es, que el coraçõ y la cabeça estan puestos al cõtrario el uno del otro" (p. 110). Embora não possamos fazer maior aproximação, isto nos lembra um pouco o que diz Rorschach sobre o tipo de vivência (Erlebnistypus), quando o indivíduo contraria uma tendência visceral de sua natureza: introvertido por natureza, procede como extrovertido, ou vice-versa.

No teste de Rorschach isto se vê quando a razão entre a soma total das respostas de movimento e a soma total das respostas de cor (inclusive as assim denominadas de "cor acromática"), se inclina para o lado contrário ao da relação entre as respostas de movimento humano e as de cor brilhante (M e C). "A relação (FM + m): (Fc + c + C') representa tendências introversivas ou extroversivas não totalmente aceitas ou utilizadas pelo sujeito" (Klopfer, p. 253; ver também Endara, p. 176 ss).

Para Rorschach, o movimento é indicação de vida interior, de introversão, e a cor manifesta a reação do indivíduo à solicitação do estímulo externo, a vida dos sentidos. "Mas estes indicadores só indigitam equilíbrio entre incitações interiores e solicitações exteriores, na medida em que o indivíduo é capaz de utilizar estas forças motivadoras" (Klopfer, p. 253). Se não há aceitação ou há repressão de solicitações internas ou externas, o indivíduo é levado a modificar suas respostas de movimento ou cor respectivamente, quer em número, quer em qualidade. É então que a relação (FM + m): (Fc + c + C') serve de controle para verificar se a relação M: C representa a realidade profunda do indivíduo.

O tipo descrito por Pujasol e a sua expressão "el coraçõ y la cabeça estan puestos al cõtrario el uno del otro" (p. 110), leva-nos a pensar nessa antinomia sugerida por Rorschach e estudada sobretudo por Klopfer. A descrição apresentaria muitas respostas com conotação de forma, mas com prevalência de cor (CF), mas isto não se pode afirmar

peremptoriamente, e não nos parece lícito querer ir mais longe.

Após o segundo exemplo, Pujasol não faz a síntese diagnóstica, deixando-a ao leitor.

APÊNDICE II —

O capítulo que se estende da página 114 à 118, e que o autor também não enuncia como capítulo, ensina o modo, aliás complicado, de se fazer o levantamento ou traçado da figura que representa os elementos astronômicos — signos, constelações e planetas —, que por sua posição relativa na abóbada celeste, influem sobre os acontecimentos terrestres. Pensa Pujasol, como pensavam seus contemporâneos — e não voltam muitos a pensar hoje da mesma forma? —, que a posição relativa dos astros na abóbada celeste tem uma relação de causa e efeito com as condições atmosféricas (chuvas, ventos, frio, calor, etc.), e com as inclinações e costumes bons e maus dos homens. Por conseguinte, para se fazer um prognóstico sobre as inclinações futuras ou um diagnóstico sobre as presentes de um indivíduo, ajuda traçar a figura que nos dirá qual a posição dos signos e dos planetas no céu de sua terra, no dia, hora, e lugar de seu nascimento. A página 115 enumera os conhecimentos necessários para isso: saber manusear as Efemérides Astronômicas correspondentes, ter conhecimento de matemáticas, conhecer os signos, entender o significado de suas posições relativas, etc. Os “planetas” para ele eram sete, a saber: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, o Sol e a Lua!

CONTRIBUIÇÃO DE PUSAJOL PARA A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL —

Não fora a menção de Torre sobre Pujasol no prólogo de sua edição do livro de Huarte de San Juan, provavelmente não teríamos nossa atenção voltada para a obra que aqui estudamos. Como ficou dito no princípio deste artigo, a obra de Pujasol não consta sequer do Catálogo de Peddie sobre ofícios. Seu livro passaria pois despercebido, mesmo a quem se interesse por orientação vocacional. Para isso corroboraria ainda a raridade do livro acusada por Montes: “Libro rarísimo y muy poco conocido” (p. 265). Foi a acusação de plágio de Huarte, que Torre faz cair sobre Pujasol, que nos levou a procurá-lo e lê-lo. Antes de abordar diretamente essa incriminação de plágio, seja-nos permitida uma digressão.

Dada a acusação de Torre de que a obra de Pujasol é plágio da de Huarte e o fato de Huarte ser um manual de orientação vocacional, seria de esperar, na obra de Pujasol, toda uma série de elementos para essa

orientação. Ora, nada disto se dá. Detenhâmos-nos um pouco sobre o assunto.

1º A acusação de Torre — “El éxito obtenido por el ‘Examen’, explica’ ... la profusión de *escritos plagiarios* que se publicaron a lo largo del siglo XVII, ... desde ... hasta ... pasando por la Filosofía Sagaz y Anatomia de Ingenios del Doctor Esteban Pujasol” (Huarte, p. 38). O “Examen” a que se refere é o livro Huarte “Examen de Ingenios para las Ciencias” (Ver “Síntese”, nº 33).

2º O livro de Huarte visa á orientação vocacional — “O intento desta *minha obra é saber* distinguir e conhecer as diferenças naturais do engenho humano, e com método *aplicar cada tipo de inteligência à ciência em que mais há de aproveitar*” (p. 68); “... que cada um só exercitasse aquela arte para a qual tinha talento natural” (p. 61). Para isso, no país “devia haver deputados ... que descobrissem o tipo de inteligência de cada criança ainda em tenra idade...” (p. 61).

3º Elementos de Pujasol para a orientação vocacional — São praticamente inexistentes. Pujasol não fala de gosto e interesse por alguma profissão; não fala de escolha; não toca em informação sobre ofícios; não aborda o tema da habilidade e aptidão para alguma atividade específica. Ele trata, sim, os temas da Memória, Imaginação e Inteligência, disserta sobre as informações do indivíduo sobre si mesmo e suas inclinações no sentido de movimentos do apetite sensitivo e, sem nomear a palavra, é rico em dados sobre as diferenças individuais. Mas nenhum destes temas é tratado com vista à orientação vocacional. A memória, a imaginação e a inteligência aparecem ligadas à compleição, ao temperamento, aos quatro elementos fundamentais; jamais como indicação para alguma profissão. As designações são genéricas sempre: “homem engenhoso” (p. 44); “homem de engenho obtuso, lerdo e grosseiro” (p. 47); “homem de bom engenho” (p. 70). Vez que outra, é um pouco mais determinado, por exemplo: o homem que é todo proporcionado, é “de bom entendimento, e de bom natural *para exercer e empreender qualquer coisa*” (p. 76); o homem trigueiro é “de bom entendimento e *de goveno*, de excelentíssimo engenho” e *inventor de coisas novas* (p. 86); os homens de compleição úmida são “*aptos para aprender qualquer ciência*” (p. 91); o homem de pupila negra “*têm engenho especulativo e acomodado a qualquer ciência*” (p. 33). Uma única vez específica ele o tipo de inteligência: O homem de pés curtos e carnudos é “*apto para aprender todo numero y cuentas*” (p. 73).

Na caracterização da imaginação, é mais impreciso ainda: "A testa tem parentesco com a imaginação" (p. 15); "a testa carnuda ... vicia a fantasia" (p. 19); no homem de testa pequena, "a virtude imaginativa é presa ao engano; é incapaz de receber as impressões dos fantasmas" (p. 20). Sobre a memória, diz ainda menos.

O tema "informações" é abordado apenas no que concerne o indivíduo mesmo, o conhecimento próprio, e não com vistas à escolha de uma profissão, mas à *correção de seus vícios e defeitos*.

Um dos termos mais usados no texto de Pujasol, é "*inclinação*". É palavra que figura já no título do livro, na folha de rosto, e aparece em quase todas as páginas, mas nem uma vez sequer com conotação profissional. *Inclinação* tem, em todo o texto, com quase exclusivamente moral; às vezes também social ou psicológica: "cabeça pequena... inclina a ser avaro" (p. 21); homens "de orelhas pequenas, ... quando quentes, ... são inclinados a descobrir caminhos para alcançar seus desígnos e enganar o próximo" (27); homens com "orelhas de tamanho médio são de bons costumes, ... inclinados à honestidade" (p. 28); os que têm "nariz agudo são inclinados a ter pouca paciência", a ser contenciosos e soberbos (p. 46-47); os homens de braços curtos "se inclinam a desejar que os outros tenham menos que eles, que vivam com dificuldade, à mingua, assoberbados de trabalhos e perseguidos; ... alegram-se com os males dos outros, são homens de más entranhas, invejosos, maldizentes, mofadores" (p. 71.72); os que têm rosto pequeno "inclinam-se com facilidade a buscar caminhos maliciosos, com dano e prejuízo dos outros" (p. 81.82).

Quanto às diferenças individuais, o livro é de uma riqueza imensa. O que ficou até aqui consignado, mostra-nos o autor encontrando diferenças de indivíduo a indivíduo em todos os membros e órgãos do corpo humano, desde os cabelos que são como que "raízes do homem" (p. 4ª e 5ª), até às unhas dos pés, e vendo nestas diferenças todas, sinais de diferenças psicológicas e morais. Perpassando essas diferenças a vôo de pássaro, sem descer a pormenores, vemos que Pujasol traz doze tipos de cabeça, seis de cérebro, dez de cabelos, onze de testa, treze de sombrancelhas, oito de orelhas, quinze de olhos, dez de nariz, cinco de boca, oito de lábios, sete de voz, seis de dentes, seis de língua, cinco de barba, sete de pescoço, cinco de cerviz, dois de braços, sete de mãos, sete de dedos, seis de unhas, cinco de pernas, cinco de pés, dois de calcanhar, três de passos, dezessete de rosto. Assim só nos dois primeiros livros, e deixando de lado outras combinações que ele faz, considera Pujasol 188 diferenças maiores, e ainda continua no livro III, em que

fala sobre os humores, os temperamentos, a estatura e a constituição, e no livro IV, em que considera os sonhos e o que revelam, a saber, o humor, a compleição e mais outras notas diferentes. O livro pode pois bem ser considerado um manual de Psicologia Diferencial, como o livro de Huarte, mas em momento algum se nota em Pujasol a intenção de fazer orientação profissional. Na folha de rosto diz ele que seu livro é como um espelho, no qual mirando-se cada um "podra venir à colegir, rastrear, por el color y compostura de sus partes, su natural complexion y temperamento; su ingenio, inclinacion y costumbres; y no menos como podrá obviar la continuacion y perseverancia en los vicios, y escusar enfermedades". O que quer indicar por "engenho" e "inclinação", já ficou exposto páginas atrás. Engenho é apenas talento genérico, o assim chamado "fator G", como ficou dito antes, e inclinação tem em todo o desenvolvimento do livro, contotação moral, o que é corroborado pela menção de "costumes e vícios" que consta na folha de rosto. O que consta no fim do livro visa à profilaxia ou à terapêutica. Conclui-se, pois, que o livro de Pujssol não é, em absoluto, um manual de orientação vocacional, embora seus dados, em geral genéricos, possam ser aproveitados para isso.

Pujasol plagiário de Huarte? Visto tudo o que até aqui ficou exposto que pensar da acusação de Torre a Pujasol (Huarte, p. 38). Ela se nos afigura totalmente inconsistente. Devo confessar que empreendi a leitura de Pujasol sem interesse, e mesmo com certa indisposição e desânimo, buscando apenas descobrir o que Pujasol poderia trazer de avanço sobre Huarte., como se verá mais adiante.

Uma busca honesta de semelhança e imitação, foi-se-me tornando, porém, cada vez mais frustrante, por um lado, à medida que avançava na leitura do livro, mas por outro lado, cada vez mais prometedora de encontro com uma obra original. Ao fim da leitura é preciso confessar que não me é possível entender a acusação de plágio de que é acusado Pujasol.

Provar que o autor em pauta não é um plagiário poderia levar-nos longe, exigiria outro artigo. Aqui deixaremos apontados apenas algumas observações que nos parecem defesa suficiente de Pujasol como autor original, para quem ler sem prevenções sua obra e a de Huarte.

Plágio é o ato de "assinar ou apresentar como sua, obra artística ou científica de outrem"; é também o ato de "imitar trabalho alheio" (Buarque de Holanda). Silveira Bueno é mais forte e mais incisivo:

Roubo literário, apropriação parcial ou total de temas, assuntos de outrem". É claro que esses conceitos têm que ser compreendidos com certa largueza. Querer tomar à letra, rigidamente, o conceito de Silveira Bueno, por exemplo, impediria que alguém abordasse tema ou assunto algum. O próprio Aurélio mostra isto ao exemplificar o termo em sua segunda acepção: 2. Imitar trabalho alheio: **As pequenas semelhanças no tema não comprovam que o autor tenha plagiado o conhecido escritor francês** (Cfr. "plágio", Buarque de Holanda). De rosto, tema e assuntos tratados por Huarte já foram tratados por outros antes dele; ele mesmo diz que "tudo o que Galeno escreve em seu livro é o fundamento desta minha obra" (p. 88). Não há quem não saiba que "liber ex libris".

Muitas são as diferenças entre as obras de Huarte e de Pujasol, que parecem deitar por terra a acusação de plágio que Torre assaca ao nosso autor. Acenarei apenas a algumas delas, para não alongar ainda mais este artigo.

1 — As fontes —

a) Huarte se fundamenta sobretudo em Galeno: "todo lo que escribe Galeno em su libro es el fundamento de esta mi obra" (H. p. 88). Pujasol, por seu lado, baseia-se sempre em Santo Isidoro de Sevilha (560-640); cita-o os dezesseis capítulos em que trata dos sinais fisionômicos, desde os cabelos até os pés, com exceção de três: o VII, o VIII e o XV do livro I, em que aborda respectivamente o nariz, o pescoço e as pernas. Já no capítulo II, em que fala dos cabelos, diz: "Ajustámonos al parecer de S. Isidoro, como en todo lo demás" (P., p. 9).

b) Huarte cita frequentemente Aristóteles, mas em grande número de vezes, para impugná-lo. Em Pujasol, Aristóteles é o autor mais citado e sempre com aceitação de suas sentenças.

c) Há autores bastante citados em Pujasol e que não figuram ou figuram raras vezes em Huarte. Assim Bercório, Constantino, Juanicio, Vicencio, Avicena. Há outros, não citados por Huarte, salvo engano, v.g., Heliodoro, Damasceno, Gilberto Amplicano, Hermes, Hiparco, Jerônimo Manfredi, Porta, Filemon, Apolônio, Haly, Rassis, e outros.

2 — A estrutura das obras —

É completamente diferente. Huarte, após dois proêmios (p. 61-68), traz quinze capítulos, nos sete primeiros dos quais faz análise qualitativa e quantitativa da inteligência humana (p. 69-162). No oitavo estabelece que ciências correspondem às diferentes espécies de engenho (p. 163-178).

Nos capítulos IX-XIV estuda em pormenor os engenhos necessários à teologia, à jurisprudência, à advocacia, à magistratura, à medicina, à arte militar e ao ofício de rei (p. 179-309). No XV estabelece quatro coisas: 1. que providências tomar para ter filhos sábios; 2. homens e não mulheres; 3. para que se lhes conserve o engenho; 4. que tipo de homem e de mulher se devem unir a fim de que possam ter filhos (p. 310-374; Cfr. "Síntese", nº 33, p. 81). Pujasol, após a dedicatória a Deus e um prefácio ao leitor, divide sua obra em quatro livros, e lhe apõe dois apêndices. Nos dois primeiros livros estuda, em dezesseis capítulos, 188 sinais fisiognomônicos, como ficou dito páginas atrás, com suas respectivas significações (p. 1-86). O livro terceiro trata de astrologia (compleições humana, humores, planetas e sonhos, p. 87-99), e o quarto disserta sobre a sintomatologia de várias afecções humanas (p. 110-106). O primeiro apêndice mostra praticamente, em dois exemplos, como sintetizar os sinais fisiognomônicos (p. 107-113). O segundo apêndice ensina como fazer figuras e gráficas sobre dados astronômicos, úteis à agricultura, à navegação, e ao conhecimento dos elementos astrológicos influentes sobre um indivíduo em seu nascimento e em sua vida (p. 114-118). Mais pormenores sobre a estrutura da obra ficaram exaradas no decurso deste artigo.

3 — A finalidade das obras —

Os títulos das duas obras poderiam sugerir unidade ou pelo menos semelhança na finalidade delas, como já ficou dito; na verdade o que elas visam é totalmente diferente, como se pode ver a seguir:

HUARTE	PUJASOL
1. "Examen de <i>Ingenios</i> para las Ciencias" O intento desta minha obra é saber distinguir e conhecer as diferenças do <i>engenho humano</i> " (p. 68).	" <i>Anatomia de Ingenios</i> "... en la qual mirandose cada uno à un espejo ... podrá colegir ... <i>su ingenio</i> ..." (título).
2. É um manual de <i>orientação vocacional</i> : O intento desta minha obra é saber distinguir e conhecer as diferenças naturais do engenho humano, e com método <i>aplicar cada tipo de inteligência à ciência em que mais há de aproveitar</i> " (p. 68).	É um manual de fisiognomonía, que não visa à orientação vocacional, embora possa servir para ela. É o que se vê em 73% da obra (p. 1-86). Visa antes ao conhecimento próprio: " <i>cada qual poderá colegir seu engenho</i> " (título)

3. O item 2 acima supõe uma <i>hetero-direção</i>, que é claramente confirmada por Huarte: "Na república... deveria haver uma lei ...: que cada qual exercitasse só a arte para a qual tem talentona-tural" "... deveria haver homens de grande prudência e saber, que o obrigassem a estudar por força a ciência que lhe convinha, e não deixá-lo à sua escolha" (p. 61).	Visa a uma autodireção (ver o título acima).
4. Visa a uma <i>Orientação Profissional</i> (Cfr. nº 2 e 3).	Visa a uma <i>Orientação Social</i> e sobretudo <i>Moral e Profilática</i>: "<i>coligir...suas inclinações (sociais morais sobretudo) e seus costumes, e ... obviar a continuação e perseverança nos vícios e escusar enfermidades</i>" (Cfr. nº 4).
5. Pretende preparar o homem para sua atuação externa (Cfr. nº 2 e 4).	Pretende preparar o homem para seu progresso interior (Cfr. nº 4).
6. A orientação a dar tolhe a <i>liberdade</i>. <i>Cria obrigação compulsória</i> (Cfr. nº 3). LEI: Cada qual só exercite a arte para a qual... Deve haver homens que <i>obrigam</i> a estudar <i>por força...</i> e <i>não deixar à sua eleição</i> (p. 61). Isto volta mais de uma vez em todo o texto.	Pujasol deixa o indivíduo em sua plena liberdade. Em momento algum alude à coação. O título é sugestivo: "Cada qual <i>poderá</i> coligir... e não menos, como <i>poderá</i> obviar ... vícios e evitar enfermidades".
7. A <i>ênfase</i> é posta sobre a <i>natureza</i> que, para ele, é o "temperamento (tempero) das quatro qualidades primeiras — calor, frialdade, umidade e sequeidão—, da qual nascem todas as habili-	A <i>ênfase</i> é posta: 1. sobre os <i>sinais fisiogômicos</i> manifestados na aparência dos membros e órgãos: forma, tamanho, proporção, cor, etc. 2. nos <i>sonhos</i>, sinais de como

dades do homem, todas as virtudes e vícios, e a grande variedade de engenhos que vemos" (p. 87).

repercutem no íntimo do indivíduo as solicitações do mundo e as do profundo de sua personalidade. (p. 96-99);

3. *no influxo das constelações astrais e dos signos celestes sobre as tendências do indivíduo e sua afecções* (p. 87-90).

8. A força da natureza sobre os "destinos" do indivíduo é *ine-xorável*: "Quien bestia va a Roma, bestia torna" (p. 75). Poucas concessões faz ele ao poder da razão e da vontade sobre as "*determinações*" da natureza (é o caso, p. ex., do que vem à p. 260.261).

Esses sinais não "*predeterminam*" o indivíduo. *Ele permanece na sua liberdade*: "el, con su libre voluntad y franco alvedrio, bien puede hazer lo contrario" (p. 77). E mais ainda, ele nota especialmente que estes sinais "*só se referem às paixões naturais do homem*, tais como a ira, a concupiscência, etc. e *não às que pertencem à alma* (à inteligência) como é a *música, a geometria*, etc" (p. 77). É a antítese do que afirma Huarte em todo o seu livro. São de ler as magníficas regras 5ª, 6ª e 7ª de Pujasol (p. 77). E não é o único lugar em que ele estabelece que a educação vence a natureza.

Não se pode negar que Pujasol tem, por vezes, algo de semelhante ao que traz Huarte, v.g. no Capítulo II do Livro III (p. 90-93), mas mesmo então as diferenças se fazem notar. Mais, há no Capítulo VI de Huarte, dois sinais fisiognomônicos, a saber, as carnes e o cabelo, aos quais acrescenta o riso (p. 143.144). No capítulo VIII traz muitos sinais de boa imaginação, de boa memória e de boa inteligência, mas não são sinais fisiognomônicos, mas antes sinais psicológicos, sociais, e alguns, frutos apenas de educação, como ser engraçado, apodador, ter boa caligrafia, ler bem, jogar cartas ou xadrez, ser polido e asseado, dar a lição ao pé da letra, ser ativo, "inchado", etc (p. 164-166). Mais semelhantes a dados de Pujasol são alguns sinais que Huarte traz ainda em seu Capítulo VIII (p. 175): cor do rosto e dos cabelos, estatura e calvície, e é só. Melhor ainda são algumas qualidades morais que traz no Capítulo X, como astúcia, malícia, soberba, gula, luxúria, mas Huarte liga-as às capacidades do indivíduo — memória, inteligência, imaginação

— e não a sinais fisiognomônicos (p. 200 ss.). As páginas seguintes traz Huarte alguns sinais fisiognomônicos (cor do rosto, olhos, cabelos, calvície, carnes, veias) e outros sinais psicológicos, sociais, morais, religiosos, ou frutos de educação (luxúria, soberba, afabilidade, astúcia, dobrez, castidade, modéstia, caridade, etc.), mas todos ligados ao temperamento, o que não corresponde à posição geral de Pujasol. O mesmo se diga dos sinais fisiognomônicos, cor do cabelo e estatura, que traz no Capítulo XIV (p. 291-310). Quanto aos sinais fisiognomônicos que elenca no Capítulo XV, a saber, voz, carnes, cor da pele, pêlos, formosura ou fealdade, vêm eles ligados às quatro qualidades fundamentais — calor, frialdade, sequidão e umidade — (p. 318-327), o que, ainda uma vez, não é a posição de Pujasol.

Em favor de Pujasol vem ainda o estudo de P.J. Montes. Em dois artigos estebelece Montes relação entre a obra de Pujasol e as posições de Lombroso. Diz que Pujasol “merece estudo à parte” e dá três razões, a terceira das quais é “por explicar el resultado de sus observaciones por medio de grabados, adelantándose en esto más de tres siglos à Lombroso, y ser uno de los primeros, ó quizás el primero que inició este método en los estudios fisionómicos, muy distinto del de Bautista della Porta. Existen, además, otras raras coincidencias entre el libro de Pujasol y las doctrinas de Lombroso y otros antropólogos criminalistas, particularmente en lo relativo à la falta de sentimientos en ciertos delincuentes y al atavismo y preatavismo de la escuela lombrosiana” (p. 266).

Ora, se a obra de Pujasol fosse plágio da de Huarte, porque a poria Montes como precursora da de Lombroso em vez de atribuir este papel à de Huarte que lhe é anterior, sobretudo considerando que ao tempo em que escreve isto (1910), a obra de Huarte era conhecidíssima, pois já tivera mais de sessenta edições (uma recentíssima então, 1905), e a de Pujasol era “um libro raríssimo y muy poco conocido” (Montes, p. 263)? Parece que a obra de Pujasol só teve uma edição.

Entretanto, sejam quais forem as semelhanças que Montes veja entre Pujasol e Lombroso, há entre os dois uma diferença fundamental: para Lombroso, os sinais são verdadeiros estigmas, *determinam* o indivíduo, e o marcam ou não como *criminoso nato*; para Pujasol, isso em geral não se dá, como ficou dito e ele o traz em algumas das sete regras gerais já mencionadas (p. 76-77).

Poderíamos buscar nos pormenores, mais diferenças entre Huarte e Pujasol, como há por exemplo na posição dos dois com relação à arte de governar. Para Huarte, ela é apanágio do imaginativo (p. 164, 208 e pas-

sim), e para Pujasol ela compete ao homem de bom entendimento, ao melancólico (p. 85.86). Huarte já dissera antes que "a prudência (que é necessária para o governante)... pertence à imaginação. ...Dela nada entendem os homens de grande entendimento, por serem faltos de imaginação". Estes, fora do que pertence ao entendimento, "nada valem nas trapaças do mundo" (p. 147.148). Ainda: para Pujasol, os de complexão úmida são aptos para qualquer ciência (p. 91), ao passo que para Huarte, só são aptos para as ciências das memórias. São exemplos que se poderiam multiplicar, mas basta o que aqui fica dito.

Em resumo: ambas as obras são de psicologia diferencial, mas vão por caminhos diferentes. Além disso, a de Huarte é um manual de Orientação Vocacional, ao passo que a de Pujasol é uma Fisiognomonía, cujos dados podem ser utilizados para essa orientação, mas ele não o faz. Concluindo, pois: salvo melhor juízo, Pujasol não é um plagiário; sua obra merece bem a adjetivação de original.

BIBLIOGRAFIA

- Pujasol, Esteban — El Sol solo y para todos Sol, de la Filosofia Sagaz y Anatomia de Ingenios — Barcelona, Pedro Lacavalleria, 1637, VII 118 + 8 pp.
- Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana — Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 70 vols. + 4 de Suplemento, 1930-1958, verbete "Pujasol (Esteban)", vol. III.
- Endara, Julio — Test de Rorschach — Técnica, Evolución y Estado Actual — Barcelona, Editorial Científico-Médica, 1967, XIV 312 pp.
- Ernout, A. et Meillet, A. — Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine — Histoire des Mots — Paris, Editions Klincksieck, 1979, XVIII 829 pp.
- Huarte de San Juan, Juan — Examen de Ingenios para las Ciencias — Madrid, Editora Nacional, 1977, Edición preparada por Esteban Torre.
- Klopfer, Bruno — The Rorschach Technique — A Manual for a Projective Method of Personality Diagnosis — New York, World Book Company, 1946, X 475 pp.
- Monte O.S.A., P.J. — Esteban Pujasol y su Tratado de Fisionomía — In "Ciudad de de Dios", LXXXI, 882, 265-276 e 364-371, 1910.
- Peddie, R.A. — Subject Index of Books —
a) Published before 1880 - London Grafton & Co., 1933
b) Published up to and including 1880 — Second Series, A-Z, 1935
c) Idem Third Series — A-Z, 1939
d) Idem New Series — A-Z, 1948 — Verbetes "Trades".
- Zytowski, Donald G. — Four Hundred Years Before Parsons — In "The Personnel and Guidance Journal", 50, 6, 443-450, 1972.

Notas— 1. No texto, H. significa sempre Huarte, e P., Pujasol.

2. Do livro aqui comentado há um exemplar na biblioteca Nacional de Madrid.

SUMÁRIO

O A. estuda neste artigo, o nono de uma série, mais um autor dentre os que podem ser considerados como precursores da chamada Orientação Vocacional. Trata-se de Esteban Pujasol, escritor espanhol do século XVII, pouco conhecido (não mencionado por Zytowski e Peddie) e autor da obra *El Sol solo* na qual P. J. Montes julga descobrir antecipações das idéias do célebre criminologista italiano C. Lombroso. O livro de Pujasol é minuciosamente analisado pelo A. e é feita uma avaliação da sua contribuição para a formação da Orientação Vocacional. Incidentemente é discutida a acusação de plágio do seu antecessor Huarte de San Juan (v. "Síntese", n. 33) sofrida por Pujasol, que se demonstra ser totalmente infundada.

SUMMARY

The author studies in this article, the ninth of a series, one more author among those that can be considered as precursors of the so called Vocacional Orientation. The article deals with Esteban Pujasol, a spanish writer of the seventeenth century, little known not mentioned by Zytowski and Peddie) and the author of the work *El Sol Solo* in which P. J. Montes tries to discover anticipations of the ideas of the celebrated italian criminologist, C. Lombroso. Pujasol's book is minutely analyzed by the author and an evaluation is made of its contribution for the formation of the Vocacional Orientation. Incidentally discussed is the accusation of plagiarism of his predecessor Huarte de San Juan (v. "Síntese", n. 33) suffered by Pujasol, which shows itself to be totally unfounded.